

Jogadores de futebol no telejornalismo esportivo: uma análise das tipificações construídas na série “Jogadores da Seleção” do Jornal Nacional

Soccer players in sports television journalism: an analysis of the typifications in the series “Players of the Brazilian national soccer team” in Jornal Nacional

Lauren Steffen¹

lauren.ssteffen@gmail.com

Flavi Ferreira Lisboa Filho¹

flavi@ufsm.br

RESUMO

O artigo analisa as tipificações dos jogadores de futebol construídas na série especial “Jogadores da Seleção” veiculada pelo Jornal Nacional antes da Copa do Mundo de 2014. Com base em Williams (1979), a tipificação é entendida como uma figura específica que concentra e intensifica uma realidade mais geral e complexa. A partir da metodologia da análise textual (Casetti e Chio, 1999), mapeamos as tipificações construídas na série especial do telejornal a partir de duas categorias analíticas: a) sujeitos e interações e b) história. Para a análise, foram selecionadas três reportagens relacionadas às histórias de vida de Daniel Alves, Victor e Maxwell. Como resultados, chegamos a três tipificações de jogadores de futebol na série: o tipo pobre, caracterizado como hegemônico e apresentado de forma destacada na série; o tipo graduado, representado unicamente pelo jogador Victor por meio de uma concessão e, por fim, o tipo rico, exemplificado exclusivamente pelo jogador Maxwell, que aparece de forma atenuada. O estudo revela que a série concede um falso protagonismo aos jogadores de futebol, uma vez que estes são representados de forma passiva, segundo os interesses

ABSTRACT

The paper analyzes the typifications of soccer players in the special series “Players of the Brazilian national soccer team” broadcasted by Jornal Nacional before the 2014 World Cup. Based on Williams (1979), typification is understood as a specific figure that concentrates and intensifies a more general and complex reality. Based on the methodology of textual analysis (Casetti and Chio, 1999), we mapped the typifications in the special series of the TV newscast from two analytical categories: a) subjects and interactions, and b) history. For the analysis, three reports related to the life stories of Daniel Alves, Victor and Maxwell were selected. As results, we pointed out three typifications of soccer players in the series: the poor type, characterized as hegemonic and featured prominently in the series; the graduated type, represented only by the player Victor by means of a concession, and finally the rich type, exclusively exemplified by the player Maxwell, who appears attenuated. The study reveals that the series gives a false protagonism to the soccer players, since they are represented in a passive way, according to the economic and ideological interests of

¹ Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Av. Roraima, 1000, Cidade Universitária, Bairro Camobi, Santa Maria (RS)

mercadológicos e ideológicos da emissora. Assim, observamos que a série não problematiza a pluralidade das histórias de vida dos jogadores de futebol, uma vez que apenas um único tipo hegemônico aparece de forma destacada no telejornal.

Palavras-chave: Tipificação. Telejornalismo esportivo. Jogadores de futebol.

the TV channel. Thus, we observe that the series does not problematize the plurality of the soccer players' life stories, since only a single hegemonic type appears prominently in the TV newscast.

Keywords: Typification. Sports television journalism. Soccer players.

Entrando em campo

O artigo tem como objetivo analisar as tipificações dos jogadores de futebol construídas na série especial “Jogadores da Seleção” veiculada pelo Jornal Nacional de 7 de maio a 14 de junho de 2014. As histórias de vida dos vinte e três jogadores convocados para atuarem na Seleção Brasileira durante a Copa do Mundo de 2014 de futebol masculino foram retratadas pelo repórter Tino Marcos e pelo cinegrafista Álvaro Sant’Ana. As reportagens foram veiculadas diariamente no telejornal de maior audiência do país². Cada reportagem durou, em média, seis minutos, um tempo significativo para um telejornal com duração total aproximada de 45 minutos.

O processo de produção da série levou dez meses e incluiu entrevistas, pesquisas e viagens a 35 cidades do país e também ao exterior. Em 2014, Tino Marcos completou 25 anos fazendo coberturas da Seleção Brasileira na Rede Globo. Edições similares às da série de 2014 já tinham sido realizadas em anos anteriores. A edição mais atual foi veiculada em 2018, antes da Copa do Mundo da Rússia, seguindo o mesmo formato da série analisada neste artigo. A escolha da edição de 2014 se deve ao fato de esta edição ter sido o objeto de estudo da dissertação de mestrado da autora³ e também ter sido veiculada antes da Copa do Mundo realizada no Brasil.

As reportagens da série foram construídas a partir de personagens e fatos que marcaram a trajetória desses jogadores, explorando recursos gráficos e trilhas sonoras para contar tais histórias. De acordo com os apresentadores do telejornal, o objetivo era mostrar detalhes desconhecidos da vida desses jogadores, o que demonstra a necessidade de torná-los familiares ao público, considerando que a maioria atuava em times estrangeiros

na época. A Rede Globo também tinha o interesse em despertar a atenção da audiência para a competição, pois tinha comprado os direitos de transmissão dos jogos da Copa. A série aparece, assim, como uma estratégia para a criação de vínculos entre os telespectadores e os jogadores que representariam o país dentro de campo. A primeira reportagem contou a história do zagueiro David Luiz, a qual foi ao ar logo após a entrevista realizada com o técnico Luiz Felipe Scolari na bancada do telejornal.

Nesta pesquisa, entendemos que o telejornalismo esportivo não está presente apenas em programas exclusivamente esportivos, mas também em telejornais, como o Jornal Nacional. Neste último caso, o telejornalismo esportivo divide espaço com outras áreas, como o telejornalismo político e o econômico. Logo, a linha divisória que separa programas exclusivamente esportivos e telejornais generalistas não é o foco principal de discussão, uma vez que, ao aludirmos ao telejornalismo esportivo, estamos nos referindo tanto a programas especializados quanto à editoria específica dentro de um telejornal diário. O foco está em analisar as tipificações de jogadores de futebol construídas dentro de uma série especial, produzida pelo núcleo esportivo e veiculada dentro do principal telejornal diário da emissora.

Para analisar essas construções no telejornal, recorreremos à metodologia da análise textual, com base em Casetti e Chio (1999). Como recorte, selecionamos três reportagens referentes às histórias de vida dos jogadores Daniel Alves, Maxwell e Victor. Após uma análise exploratória das reportagens veiculadas, percebemos que o mesmo padrão narrativo foi utilizado para contar as histórias de vida na série, exceto para as histórias de Maxwell e Victor. Maxwell não tinha a mesma origem humilde dos demais colegas de equipe; Victor era o único que possuía uma graduação. Já Daniel Alves foi escolhido para representar o padrão narrativo dominante na série,

² Segundo Pesquisa IBOPE de 07/07/2019.

³ A autora defendeu a dissertação de mestrado no dia 24 de agosto de 2016 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, sob orientação do professor Dr. Flavi Ferreira Lisboa Filho.

uma vez que era um dos jogadores mais experientes do grupo. Essas três histórias selecionadas foram analisadas com base em duas categorias analíticas: a) sujeitos e interações e b) história. A partir da análise, evidenciamos os tipos construídos na série telejornalística e sua relação com o reforço de determinados estereótipos em torno dos jogadores de futebol no país.

Tipificação e telejornalismo esportivo

Para Williams (1979), a tipificação é uma figura específica que concentra e intensifica uma realidade muito mais geral. Ela não é a representação de leis, mas do processo dinâmico da realidade, que se expressa em um tipo particular. Trata-se, assim, de um exemplo representativo de uma classificação significativa. Fruto de um contexto específico, o tipo cristaliza o processo histórico em uma imagem dialética com o objetivo de sintetizar a complexidade do real em uma forma específica. Uma vez que não é possível dar conta da diversidade do real, o tipo procura se estabelecer como a única representação possível de uma forma social mais geral, a despeito das inúmeras possibilidades de representação, colocando-se como uma imagem verdadeira e inquestionável. Esse processo conduz à homogeneização da realidade, fazendo com que seja compreendida a partir de categorias que se impõem como definitivas e incontestáveis.

Nesse sentido, Williams (1979) explica que a relação da tipificação com a realidade não é de ordem direta, pois depende da análise do processo social e da dedução de um deslocamento ou de uma ausência. Assim, tais correspondências não se dão por meio de semelhanças, mas por conexões deslocadas. O processo de reconhecimento dos tipos deve levar em conta as relações entre formas particulares, partindo de tipos específicos para uma forma geral, necessitando do contexto para sua compreensão: começamos de uma estrutura conhecida da sociedade e descobrimos exemplos desse movimento em obras culturais, dentre elas os programas televisuais.

Tais correspondências são apenas superficialmente não-relacionadas, de um processo social que não está plenamente representado, mas que está especificamente presente na tipificação. Aparentemente, as esferas do meio social parecem funcionar de forma autônoma, sem nenhuma relação evidente. No entanto, a partir do processo de tipificação, é possível perceber que a conexão entre formas específicas e o processo social mais geral é inerente e fundamental para a compreensão das práticas

culturais. Desse modo, o reconhecimento de tais relações é fundamental para a criação de sentido, tendo em vista que um fenômeno cultural só adquire significação quando é considerado uma forma conhecida do processo social geral. Assim, o tipo faz uso de elementos culturais compartilhados pelos sujeitos de um grupo para se tornar inteligível, compondo uma identidade para si, atribuindo-se como única representação possível, impossibilitando a visibilidade de novas formas de representação.

Williams (1979) explica que a primeira referência à ideia de tipificação surgiu com o conceito de tipo ideal, que se relacionava aos heróis, às forças elementares e aos elementos universais essenciais, o que corrobora a intenção do tipo de se estabelecer como o modelo a ser seguido. Para que seja compreendido e aceito na sociedade, o tipo é definido por traços escolhidos intencionalmente que o compõe enquanto uma categoria particular. Nessa construção, muitos elementos são deixados de lado, uma vez que dificultam a formação de uma imagem padronizada e unificada. No telejornalismo esportivo, por exemplo, alguns traços são selecionados para construir as histórias de vida dos jogadores de futebol, unificando-as em torno do mesmo padrão narrativo, como se assumissem todas os mesmos contornos e desfechos, desconsiderando, portanto, seus contrastes e tensionamentos.

Williams (1979) faz referência ainda ao tipo como uma experiência que busca se estabelecer à prova de crise por meio de ritos, apelando para narrativas míticas e para o inconsciente coletivo. Campbell (1992), ao fazer um estudo minucioso sobre os mitos ao redor do mundo, percebeu que todos partilhavam uma estrutura fundamental. Assim, descreveu as fases em comum para o que denominou de jornada do herói. Em síntese, essa trajetória estava dividida em três fases principais: a partida, caracterizada pelo chamado da aventura, isto é, pelo rompimento com seu mundo pretérito; a iniciação, marcada pelo caminho de provas e pela conquista do objetivo final, alcançado graças à ajuda divina; e, por fim, o retorno, quando já vitorioso, passa a dominar o mundo conhecido e o desconhecido, gozando a vida ordinária com mais plenitude após os saberes adquiridos ao longo da jornada.

Recorrentemente, no telejornalismo esportivo, os jogadores de futebol são construídos por meio da característica do ídolo-herói, transformando o universo do futebol em um terreno extremamente fértil para a produção de mitos e ritos relevantes para a comunidade. Por meio de histórias de vida marcadas pelo talento, pela superação e pela consagração final, o que os singulariza e os diferencia dos demais, estes “heróis” se tornam

paradigmas dos anseios sociais (Helal, 1998). Para a construção desses sujeitos enquanto “heróis”, alguns traços são frequentemente recorrentes e enfatizados no telejornalismo esportivo. A presença do caráter belicoso e viril das narrativas esportivas faz, por exemplo, com que sejam representados “como soldados, que precisam de garra, raça e amor à pátria para cumprir seu dever com o país” (Branco, 2006, p. 200).

Gastaldo (2003) corrobora o fato de que a legitimação dessa apropriação simbólica provém, em grande medida, do telejornalismo esportivo, o qual constrói suas narrativas selecionando e reforçando os valores que perpetuam a ideia de Brasil como país do futebol. Tais construções operam, muitas vezes, como lugar de reforço de estigmas, contribuindo para a permanência de estereótipos e preconceitos por meio de estratégias de redundância (Soares, 2010). Nesses casos, o telejornalismo perpetua um modelo dominante a partir do qual os jogadores de futebol são percebidos e valorizados socialmente. Esse padrão promove a manutenção das estruturas e hierarquias sociais, dificultando o aparecimento de histórias que provoquem seu rompimento. Nesse processo, as histórias de fracasso e de exploração econômica, por exemplo, são silenciadas, justamente por ameaçarem a imagem hegemônica em torno dos jogadores de futebol no país, provocando exclusões que são sentidas não só no plano simbólico, mas também na concretude das relações diárias.

Segundo Freire Filho (2005), os estereótipos constituem a abstração em virtude da qual a individualidade é alegorizada e transformada em ilustração abusiva de outra coisa, algo não concreto e não individual. Como forma de controle social, ajudam a demarcar e manter fronteiras simbólicas entre o normal e o anormal, o integrado e o desviante, o aceitável e o inaceitável. Agem no sentido de facilitar a união do “nós” como “normais”, em uma comunidade imaginária, ao mesmo tempo em que excluem e remetem a um exílio simbólico tudo aquilo que não se encaixa, tudo aquilo que é diferente. Desse modo, a disseminação de representações homogeneizantes de grupos minoritários é um empecilho para o processo democrático, cujo desenvolvimento demanda a opinião esclarecida de cada cidadão a respeito da diversidade e da desigualdade existentes na sociedade.

Como práticas significantes, os estereótipos não se limitam, portanto, a identificar categorias gerais de pessoas, pois contêm julgamentos e pressupostos tácitos ou explícitos a respeito de seu comportamento, sua visão de mundo ou sua história. Embora possam variar em termos de apelo emocional, geralmente expressam tensões e conflitos sociais

subjacentes. O estereótipo reduz toda a variedade de características de um povo, uma raça, um gênero ou uma classe social a alguns poucos atributos essenciais, supostamente fixados pela natureza. Encoraja, assim, um conhecimento intuitivo, desempenhando papel central na organização do discurso do senso-comum. “Os meios de comunicação de massa são a grande fonte de difusão e legitimação dos rótulos, colaborando decisivamente, deste modo, para a disseminação de pânico morais” (Freire Filho, 2005, p. 24), redefinindo as fronteiras entre o moralmente desejável e o indesejável. Portanto, é fundamental investigar como tais demarcações simbólicas são construídas no telejornalismo esportivo, impactando no reconhecimento social de determinados grupos a partir de um processo intencional e estratégico de inclusões e apagamentos.

Análise textual da série “Jogadores da Seleção” do Jornal Nacional

Para analisar as tipificações dos jogadores de futebol na série especial “Jogadores da Seleção” do Jornal Nacional, utilizaremos os pressupostos metodológicos da análise textual. Segundo essa metodologia, os programas televisivos são meios de transmissão de realizações linguísticas e comunicativas, ou seja, construções feitas a partir de material simbólico, seguindo regras de composição específicas e produzindo determinados efeitos de sentido. A televisão utiliza uma linguagem que não reflete a realidade, mas que a recria, produzindo significados a partir de um sistema de regras. Segundo Casetti e Chio (1999), a significação televisiva deriva da justaposição de três níveis: denotativo (dados naturais), conotativo (dados culturais) e ideológico (dados sociais). Analisamos, assim, não veículos neutros, mas objetos dotados de consistência e autonomia próprias.

Os textos mobilizam configurações complexas, que vão além do conteúdo, revelando diversas relações entre os elementos em jogo. Os textos atribuem regularmente uma valoração aos objetos, aos comportamentos e a situações, dando um peso diferente a partir de construções implícitas e explícitas. “Na realidade, os textos não só dizem ou mostram algo, mas também dizem e mostram o modo como esse algo é proposto” (Casetti; Chio, 1999, p. 251, tradução nossa).

Dessa forma, a análise textual atenta para os elementos concretos do texto e os modos como o texto é construído, estendendo sua atenção ainda para o modo de interpretar

seu significado em um sentido global, de valorizar os temas sobre os quais fala e as formas de enunciação de seu próprio discurso. O instrumento geralmente adotado para a análise de programas televisivos é o esquema de leitura, um dispositivo que serve para guiar o percurso do pesquisador. O esquema de leitura é constituído por categorias que permitem ao analista definir e reagrupar os itens textuais.

Na análise, atuam dois tipos de procedimentos: a descrição, processo de identificação dos elementos significativos do texto, e a interpretação, processo de recomposição desses elementos em um conjunto que explique a estrutura e os processos do texto (Casetti; Chio, 1999). A primeira fase é objetiva e a outra é subjetiva e pessoal, sendo que ambas estão interconectadas, uma vez que não há como descrever sem adotar um ponto de vista e não há como interpretar sem utilizar dados concretos. O esquema de leitura pode ser aplicado a um grupo de reportagens, a fim de identificar traços em comum e suas diferenças.

Analisaremos as reportagens relacionadas às histórias de vida dos jogadores a partir de duas categorias propostas pela análise textual: a) sujeitos e interações e b) história. Na categoria de sujeitos e interações, analisaremos a densidade dos sujeitos no tempo e no espaço, seu estilo de comportamento, bem como sua função no programa e seus respectivos papéis narrativos. Na categoria analítica da história, verificaremos a presença de uma ou de várias histórias, caracterizadas por uma situação de ordem inicial, a sucessiva instauração da desordem e a solução; a estrutura temporal de cada história e a existência de fios narrativos e suas interações recíprocas (Casetti e Chio, 1999).

A partir da análise exploratória da série de reportagens, escolhemos, para análise, a reportagem sobre Daniel Alves, que representa a história de vida padrão da maioria dos jogadores retratada na série; o único exemplo de jogador com diploma de curso superior, o goleiro Victor, e o único caso de jogador cuja família possui condições financeiras favoráveis, o lateral Maxwell. Através das categorias analíticas mencionadas, verificaremos os elementos em comum e as diferenças existentes entre estas histórias de vida, chegando aos tipos construídos pela série e seus modos de representação. Além disso, problematizaremos os possíveis impactos sociais gerados a partir de tais tipificações telejornalísticas.

Sujeitos e interações

Para a categoria de sujeitos e interações, dividimos os personagens da série em duas categorias: sujeitos fixos e sujeitos variáveis. Existem sujeitos que aparecem em

todas as reportagens da série, recebendo um lugar de destaque na construção dessas histórias. São eles: o repórter Tino Marcos, o jogador cuja história de vida está sendo retratada e a família deste jogador. Por outro lado, há personagens que não aparecem em todas as reportagens da série, variando conforme as escolhas do repórter para construir a narrativa.

Tais sujeitos desempenham papéis diferentes e não são representados da mesma forma. No caso de Maxwell, a família ganha um destaque maior do que nas outras duas reportagens analisadas, dando lugar às falas da mãe, do pai, do irmão, da esposa e das filhas. Na reportagem de Victor, há espaço apenas para a mãe e a esposa. Já no caso de Daniel Alves, aparecem o pai, o irmão e o primo. A família de Maxwell aparece para descrever a personalidade do jogador e sua trajetória no esporte: das piscinas para o futsal e, por fim, para o futebol. A mãe e o pai deixam clara a resistência aos convites para o menino jogar em clubes de futebol, evidenciando uma preferência familiar pela natação, até que o jogador vai jogar em um time holandês aos 18 anos e se consagra no futebol. Para a família de Maxwell, ser jogador de futebol nunca foi um sonho, uma oportunidade de ascensão, já que a família tinha boas condições financeiras. A família só percebe que não tinha mais como impedi-lo de trilhar a carreira dentro de campo devido à insistência constante do jogador. Essa construção é feita de forma atenuada na série, a fim de não ameaçar a imagem padrão associada aos jogadores de futebol no país, os quais, geralmente, possuem origens humildes e veem na carreira a chance de salvar a família da miséria.

Além do fato de Maxwell vir de uma família com todo o conforto material, ele é o jogador menos conhecido do público, segundo a própria fala dos apresentadores, tendo em vista que saiu do Brasil muito cedo e nunca mais voltou. O repórter apela, assim, para a família para criar um laço afetivo com o público, mostrando sua esposa e suas filhas torcendo pelo desempenho do pai na competição. A mãe de Maxwell aparece também para descrever a tragédia vivida pela família com a perda do irmão do jogador em um acidente de carro, o que aproxima o jogador do público ao mostrar os obstáculos e os sofrimentos que enfrentou ao longo do caminho. O jogador também é construído como bom-moço ao ter sido a força da família na ocasião da perda do irmão, levando os pais para morarem com ele na Holanda e oferecendo uma oportunidade de recomeço.

O técnico de natação de Maxwell, Laurindo Dubra, aparece para mostrar o lado competitivo de Maxwell, que

nunca se contentou com um lugar no pódio que não fosse o primeiro e, certamente, fica a mensagem implícita que não se contentará em ser vice no Mundial, satisfazendo-se apenas com o hexa. Laurindo explica que não teve como conter a escolha de Maxwell pelo futebol, apesar de seu bom desempenho na natação, dando a impressão que o destino do menino era esse, não havia como escapar. Nesse sentido, é reforçada a ideia da jornada do herói, uma vez que Maxwell parecia ter recebido um chamado divino e não podia recusá-lo.

O lado religioso, de predestinação, aparece com força maior no caso do jogador Victor. O goleiro é descrito, desde o início da reportagem, através de seu apelido “São Victor”, adquirido após defender três pênaltis na reta final da inédita conquista da Taça Libertadores para o Atlético Mineiro. Apesar da negação da mãe de Victor em vê-lo como santo, a qual é construída como uma religiosa devota, os vizinhos do jogador aparecem para santificá-lo e colocá-lo acima dos demais, como um ser capaz de operar um milagre e trazer o hexa para o Brasil. A mãe aparece ainda para mostrar o quanto foi difícil a saída do filho de casa aos 14 anos, mostrando que a família não podia demonstrar seu sofrimento para não prejudicar o sonho do filho. O jogador, por ser o único a ter um diploma de curso superior entre todos os convocados, é construído como um ótimo aluno, mostrando que sempre foi dedicado aos estudos e só está colhendo o que plantou. É feita, assim, uma concessão para “uma raridade dentro do esporte”, como o próprio repórter fala, mostrando Victor como um bom aluno, que só tirava nota dez, superando as expectativas das professoras. A professora Rose aparece na reportagem não só para ratificar o bom desempenho de Victor na escola, mas também para elogiar seu comportamento, descrito como dócil, obediente, mostrando que o jogador sempre foi disciplinado, o que pode ser um ponto positivo para a Seleção Brasileira.

Já a esposa Gisele coloca o jogador em um verdadeiro pedestal, referindo-se a ele como um ser humano fantástico, posicionando-o, portanto, acima de todas as outras pessoas, uma referência que deve ser seguida. Fica implícita, assim, a construção desse jogador como um modelo a ser seguido por reunir as características de um verdadeiro herói. O repórter, inclusive, chega a ironizar o posicionamento da esposa do jogador, perguntando se Victor não tem nenhum defeito. Ela se refere apenas à sua irritação com o trânsito, um defeito totalmente irrelevante, que não agride, desse modo, a imagem de “ser humano fantástico” construído por ela. O jogador, apesar de não ser pai, aparece também brincando com suas cachorras

de estimação no pátio de casa, reforçando seu lado dócil e brincalhão. A coordenadora do projeto social, liderado por Victor e amigos da igreja, Gisselma Anastácio, também idealiza o jogador, rogando para que o mundo tenha mais pessoas como ele. Ela mostra a relevância de Victor para a vida das crianças, reforçando seu lado solidário e sua responsabilidade social. As crianças do projeto fazem cartazes agradecendo Victor, mostrando sua gratidão pelo empenho do jogador no projeto.

No caso de Daniel Alves, os vizinhos aparecem para mostrar a simplicidade do lugar onde o jogador nasceu. Eles, sentados em uma rede, em uma casa muito simples de barro, no sertão nordestino, respondem felizes ao repórter que possuem várias árvores frutíferas, o que, para Tino Marcos, mostra um lugar “onde ainda se valoriza o que se tem”. O pai de Daniel, Seu Domingos, é construído como uma referência para o jogador, o qual sempre o acompanhava na lavoura, acordando às 5h da manhã para trabalhar com o pai. Seu Domingos é construído como um homem simples da roça, com um sorriso no rosto, com o prazer de fazer o que sempre gostou, mesmo com a possibilidade de sair do sertão depois da ascensão econômica do filho.

Já o irmão Ney mostra as dificuldades enfrentadas no início da carreira: o pai foi taxado como louco pelos vizinhos por ter mandado os filhos para a cidade grande, colocando-os em contato com as drogas e em risco de passar fome. O irmão se emociona, evidenciando os obstáculos no início da carreira, mostrando uma das etapas fundamentais de qualquer herói: a superação das adversidades em busca da conquista do objetivo final. Ney lembra que o sonho dos irmãos oscilava entre a carreira no esporte ou na música. Como uma espécie de predestinação, Tino Marcos mostra que os dois realizaram seu sonho: Daniel no futebol e Ney na música. Ficam claras as duas únicas possibilidades aos meninos do sertão nordestino: vencer pelo esporte ou pela música, duas funções que não exigem instrução formal, mas talento, sorte, predestinação e esforço. A história de Daniel é representada de forma destacada na série, representando uma forma padronizada e idealizada da vida de jogador de futebol: ter origem humilde, superar obstáculos, persistir no seu sonho e conquistar a ascensão econômica.

O repórter Tino Marcos, por sua vez, coloca-se como condutor da narrativa, aparecendo apenas durante a passagem da matéria em algum lugar significativo para o jogador: para Maxwell, ele aparece no Clube Libanês do Espírito Santo, onde o menino praticava natação, um clube de classe média alta, o que reforça as condições

econômicas da família e a estrutura que ele tinha a seu dispor; para Victor, ele aparece no pátio de entrada de sua cidade natal, Santo Anastácio, justamente para reforçar a ideia de santificação do jogador; para Daniel Alves, ele aparece na plantação de melão onde o menino trabalhava com o pai, reforçando a associação com o verde e amarelo da lavoura de melão e as cores da Seleção Brasileira, como se fosse um sinal do destino do menino. O repórter enfatiza, assim, os pontos que unificam tais histórias de vida para que sejam vistos enquanto “heróis”, merecedores, portanto, da confiança do povo brasileiro.

História

As três histórias analisadas na série partem de uma situação de ordem inicial, representada por condições determinadas de vida, vivenciadas pelos sujeitos diariamente. No caso de Daniel Alves, temos a reconstrução do cenário de sua infância: uma paisagem árida do sertão nordestino, com vegetação típica de regiões secas, com algumas casas de barro espalhadas pela roça. Os vizinhos dão o tom daquela ordem das coisas: apesar do pouco que possuem e da vida sofrida que levam, cultivam o sorriso no rosto, valorizando a variedade de árvores frutíferas que existem no quintal. De certo modo, uma representação que induz o telespectador a pensar que, apesar de todo o sofrimento, se você sorrir e valorizar o pouco que tem, poderá ser feliz. A plantação de melão também representa o cotidiano da família, que dependia da lavoura para seu sustento: uma rotina cansativa, debaixo de sol forte, uma luta constante contra a seca na região. Assim, existe uma ordem inicial representada pela pobreza e pela aridez, mas acompanhada pela simplicidade e pela alegria de viver, que, supostamente, amenizam a pobreza e a vida difícil, já que as políticas públicas não chegam naquela região.

No caso do jogador Maxwell, existe uma ordem inicial das coisas representada pela família unida, com todo o conforto material, as tardes de treino no Clube Libanês do Espírito Santo, as competições de natação. Essa situação marca uma relativa tranquilidade, garantida pelas boas condições financeiras da família e pelo sucesso de Maxwell nas piscinas. Já o goleiro Victor tem a sua infância representada, principalmente, pelo seu desempenho escolar: ótimo aluno, só tirava notas boas, tinha um comportamento impecável, muito disciplinado. Além disso, a família de Victor é representada como uma família simples, mas unida, que não mediu esforços para apoiar o sonho do filho, mesmo tendo que esconder todo o sofrimento ao vê-lo longe de casa. Dessa forma, mesmo

díspares em alguns pontos, o início de tais histórias, por mais sofridas que sejam, nunca é construído de forma negativa, mas como um indício ou uma motivação do que estes jogadores viriam se tornar no futuro.

Essa ordem inicial é abalada quando o jogador inicia seu percurso na carreira de jogador de futebol. Daniel Alves vai com o irmão para Juazeiro jogar no clube da cidade, seu pai ouve comentários da vizinhança criticando sua decisão em deixar os filhos saírem da roça – afinal, eram muitos os perigos de uma cidade grande. Os primeiros centros de treinamento onde o jogador morava tinham condições precárias de higiene e de estrutura. Além disso, Daniel enfrentava essa situação longe da família, sem dinheiro para poder ir com frequência para casa, com apenas duas peças de roupa, correndo o risco ainda de ter suas roupas roubadas por outros colegas. Maxwell abala a ordem inicial das coisas quando, mesmo contra a vontade dos pais, decide apostar no futebol e abandonar as piscinas. Os pais, vendo que já não podem ir contra a decisão do filho, decidem apoiá-lo. Maxwell vai jogar na Holanda com 18 anos de idade, deixando os pais com saudade, apreensivos pela escolha do filho, mas sempre ao lado dele. A situação de desordem é ainda agravada quando morre o irmão do jogador, exigindo de Maxwell muita força para apoiar os pais e seguir lutando pelo seu espaço no futebol. Para Victor, a desordem inicia quando decide tentar a carreira de jogador de futebol, abandonando temporariamente a sala de aula, a rotina de estudos, morando longe da família, enfrentando a saudade e o sofrimento. Dessa forma, as três reportagens evidenciam uma série de dificuldades na vida desses jogadores, que precisaram ser vencidas para que pudessem dar continuidade ao seu sonho no esporte.

Por fim, existe em todas as histórias a instauração de uma solução, de uma nova ordem final para as coisas. Daniel Alves se consagra como lateral direito de um dos maiores clubes de futebol do mundo, o Barcelona. Vira capa de diversas revistas de moda pelo seu estilo irreverente, dirige um carro de luxo pelas ruas da cidade espanhola, compra a lavoura de melão para o pai seguir trabalhando com condições melhores na roça, conquista uma legião de fãs nas ruas, é convocado para a Seleção Brasileira. Essa convocação representa, para todos os jogadores, a recompensa final, o motivo de ter passado por tantas dificuldades, o prêmio por ter persistido, que justifica o sofrimento e as decisões tomadas, silenciando as mazelas do passado de pobreza. Maxwell atinge uma nova ordem para as coisas quando se consagra em diversos clubes europeus, conquista a amizade de jogadores

importantes no cenário do futebol, forma uma família aparentemente feliz e orgulhosa. Já Victor é reverenciado como santidade nessa nova ordem final, após grandes atuações no Atlético Mineiro. Além disso, tem o amor e a admiração da esposa que o tem como “um ser humano fantástico”, apoia um projeto social para crianças carentes, as quais o veem como referência. Victor consegue terminar a faculdade de Educação Física, resgatando seu lado estudioso e disciplinado do passado, além de se manter dócil como era na infância, brincando com suas cachorras de estimação e mantendo um comportamento calmo, enfatizado por sua esposa.

Todas as reportagens analisadas abordam as mesmas estruturas temporais, não necessariamente na mesma sequência: a infância, a adolescência, a vida adulta e as perspectivas para o futuro. A infância, – sofrida para Daniel Alves, nas piscinas do clube Libanês para Maxwell e em cima dos livros para Victor, é um momento de formação do caráter, da personalidade, dando as bases para o jogador enfrentar as provações que virão. A adolescência é a fase em que todos precisam lutar pelo seu espaço dentro do futebol, ficando longe da família, enfrentando uma concorrência acirrada com outros jovens, persistindo pelo seu sonho. A vida adulta é marcada por algumas perdas e sofrimentos, mas é representada pela consagração no esporte, pela legião de fãs, pelo reconhecimento mundial, pela convocação para a Seleção Brasileira. As perspectivas para o futuro são todas positivas, dando como certa a conquista do hexacampeonato para o Brasil, o que faria desses jogadores pessoas inesquecíveis na memória do torcedor brasileiro. Quanto à estrutura espacial, varia consideravelmente conforme a história de vida analisada: na reportagem de Daniel Alves, há um cenário de aridez e pobreza na infância, da lavoura de melão do pai, da casa de barro. Há também o cenário dos primeiros clubes onde o jogador atuou, ainda com condições medianas de estrutura. Por fim, aparece Daniel pelas ruas de Barcelona, cercado por fãs, dirigindo seu carro de luxo, vestindo roupas de marcas famosas.

Na história de Maxwell, há o cenário de uma casa com boas condições materiais, onde a mãe dá as entrevistas, as piscinas do Clube Libanês do Espírito Santo, um clube de classe média alta, e os principais estádios europeus onde o jogador já atuou. Victor aparece nos primeiros clubes onde atuou, na sua casa de luxo com a esposa e as cachorras e na frente do clube Atlético Mineiro. Ainda há o cenário religioso da casa da mãe de Victor, que marca a devoção da família, reforçando o sentido de santidade, a escola onde Victor estudou na

infância e a faculdade onde se formou já adulto, a sede do projeto social em que participa. Todas as reportagens são finalizadas no mesmo espaço: os jogadores em campo, vestindo a camisa amarela da Seleção Brasileira, sendo ovacionados pela torcida, vibrando com os colegas de equipe, demonstrando que o estágio final da história, o local do final feliz é no estádio, trazendo o sonhado hexacampeonato para o Brasil.

Principais resultados

Através da metodologia da análise textual, observamos a existência de uma tipificação hegemônica enfatizada pela série, representativa da maioria dos jogadores na série, a qual denominaremos como tipo pobre. Daniel Alves, o qual se classifica nessa tipificação, é descrito através de uma personalidade carismática, alegre e batalhadora. São destacados os obstáculos que esse jogador teve que ultrapassar para conquistar o sucesso na profissão, como suas origens humildes no sertão nordestino, a saudade da família e dos amigos, as condições precárias dos primeiros centros de treinamento. Todas essas adversidades precisaram ser necessariamente vencidas, com muita força de vontade, a fim de se tornar um jogador consagrado na profissão, o que é percebido, na série, através da ascensão econômica do atleta e, consequentemente, de sua família.

A consagração desses jogadores é representada através da sua ascensão econômica; a miserabilidade não deixa de ser narrada, mas é apenas representada para marcar o ponto inicial, a partir do qual todos deveriam necessariamente querer sair. O tipo pobre relembra as suas origens humildes e demonstra gratidão às pessoas que o ajudaram, deixando claro que é preciso ir em busca de uma vida melhor e incentivar os jovens a irem atrás de seus objetivos, como se bastasse querer ser jogador para obter sucesso. Assim, parece que a situação econômica é responsabilidade exclusiva de cada um, o que demonstra, em uma equação simplista, que, se o indivíduo não conquistou seu espaço no esporte, é porque não lutou o suficiente pelo seu sonho.

Os raros casos de jogadores que vêm de famílias com uma situação financeira mais confortável, como é o caso de Maxwell, são mencionados de forma atenuada na série a fim de que a informação passe despercebida do público e de que a ficção construída em torno das histórias de vida dos jogadores se mantenha de acordo com o padrão estabelecido. Parece que o fato de existirem jogadores com situação econômica mais favorável

no esporte ameaça a ideia padronizada de que todos os jogadores de futebol saíram da sua situação inicial de miséria e conquistaram a ascensão econômica, o que abalaria a tentativa da série de reforçar a associação entre ser jogador de futebol e conquistar um status mais favorável na sociedade, fator que alimenta o sonho de milhares de crianças no país e estimula a estratificação social, reforçando a divisão e o preconceito entre as classes. O tipo rico apresenta um potencial de se constituir como uma força contra-hegemônica, resistindo à construção padronizada do tipo pobre.

A questão da escolaridade atua na construção do tipo graduado, representado pelo caso único do goleiro Victor na série. O goleiro se superou ao conseguir se formar em um curso de ensino superior, estudando durante as concentrações e se dividindo entre a sala de aula e o campo de futebol. Victor é um caso raro no futebol, evidenciado pelo seu esforço para concluir a faculdade e para buscar mais conhecimento e sua consciência ao pensar em um plano secundário diante de uma profissão tão instável quanto a de jogador. Outros casos raros de jogadores que concluíram o ensino superior são Sócrates (década de 1980) e Tostão (final da década de 1960), graduados em Medicina, e César Sampaio (final da década de 1990), graduado em Administração. A partir de uma representação sutil dessas exceções no esporte, a série reforça os lugares reservados a cada classe na sociedade, cabendo aos mais favorecidos economicamente conquistar o diploma de ensino superior em profissões liberais prestigiadas, e deixando para as classes menos abastadas a obrigação de se conformar com sua situação econômica, exercendo funções que não exijam instrução formal.

Reflexões e conclusões

É fundamental ressaltar que o fato da série de reportagens colocar os jogadores de futebol como protagonistas, a partir de suas histórias de vida, não significa que eles estão ganhando um espaço de fala. Suas histórias de vida são contadas através dos critérios editoriais da emissora, das estratégias narrativas adotadas pelo repórter, dos trechos das falas selecionados como merecedores de atenção e da interpretação de alguns fatos de sua vida tidos como relevantes pelo telejornal. Nesse sentido, os jogadores são apenas personagens passivos, conduzidos pelos interesses do telejornal, usados para propagar a ideologia dominante defendida pela emissora.

Ao buscar evidenciar o protagonismo dos jogadores de futebol, colocando-os como personagens principais

da série, a emissora e o telejornal cumprem apenas com uma tarefa mercadológica, na tentativa de ganhar audiência e gerar identificação através de uma representação ilusória e homogênea desses atletas. Por outro lado, esse falso protagonismo encobre inúmeras situações problemáticas, transmitindo a ideia de que se valoriza e representa todos os jogadores de futebol, sem levar em conta a diversidade e a pluralidade de suas histórias de vida.

É preciso contestar as tipificações que estão em circulação, construindo definições alternativas, já que, por mais completa que seja uma representação, ela sempre deixará algo à margem e, portanto, sem reconhecimento. Precisamos nos questionar como o telejornalismo esportivo pode contribuir para dar visibilidade a outras formas de ser jogador de futebol no país, como é possível dar conta da complexidade de representar tais identidades. Como jornalistas, devemos buscar novas estratégias narrativas, pautas diferenciadas, sujeitos marginalizados para contar essas histórias de forma diferente, para mostrar o outro lado, para dar voz a quem nunca é ouvido. Precisamos buscar outros ângulos não só para as histórias de sucesso em torno do futebol, mas principalmente para as histórias de fracasso, que são a maioria dentro do esporte, pois essas também integram o complexo quadro real do esporte.

Quando representarmos a pluralidade que envolve o esporte, possivelmente poderemos contribuir para formar uma consciência mais crítica dos telespectadores, mostrando que o futebol não é necessariamente sinônimo de sucesso, mas também envolve fracasso, decisões políticas, estratégias econômicas, políticas públicas de desenvolvimento do esporte nas periferias, possibilidades de transformação social. Estamos falando de uma presença no discurso telejornalístico que reflete uma ausência: a reiteração das histórias de sucesso oculta as plurais identidades brasileiras, as várias formas de brasilidade, os diferentes sotaques, as variadas histórias de vida dos jogadores, impedindo o esclarecimento político e social dos sujeitos, fundamental em um processo democrático.

É preciso ultrapassar o discurso repetitivo e estereotipado, desconstruir preconceitos, avançar para debates mais complexos e dar abertura para reflexões políticas, sociais e econômicas em torno do esporte a fim de podermos cumprir o papel social do jornalismo com o interesse público e mostrar o potencial do esporte como catalisador social, promotor da cidadania e construtor da criticidade. Quando todos tiverem o mesmo ponto de partida e as mesmas possibilidades, poderemos individualizar o sucesso de algumas histórias de vida e relacioná-las ao esforço pessoal e ao talento de cada um.

No entanto, enquanto ainda tivermos que conviver com a desigualdade social, não poderemos falar em sucesso individual de alguns, mas em fracasso coletivo de todos nós, enquanto sociedade.

Referências

- BRANCO, C. 2006. Os papéis sociais do futebol brasileiro revelados pela música popular (1915-1990). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira; SANTOS, Ricardo Pinto. *Memória social dos esportes: futebol e política – a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad Editora.
- CAMPBELL, J. 1992. *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento.
- CASETTI, F.; CHIO, F. 1999. *Análisis de la televisión: instrumentos, métodos y prácticas de investigación*. Paidós: Barcelona.
- FREIRE FILHO, J. 2005. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre, PUCRS, n. 28, p. 18-29.
- GASTALDO, E. L. 2003. Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo. *Cadernos IHU Ideias*, São Leopoldo, ano 1, n.10.
- HELAL, R. 1998. Mídia, construção da derrota e o mito do herói. *Motus Corporis (UGF)*, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, v.5, n.2.
- SOARES, R.L. 2010. *Estigmas sociais em narrativas audiovisuais: entre consolidação e transgressão* (n.d.). Recuperado em 04 de abril, 2016, de http://compos.com.puc-rio.br/media/gt5_rosana_de_lima_soares.pdf.
- WILLIAMS, R. 1979. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro, Zahar.